

NÍVEL DE FECUNDIDADE DA MULHER MINEIRA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS NO ESTADO E EM SUAS REGIÕES DE PLANEJAMENTO

Cláudia Júlia Guimarães Horta *

Resumo

Este texto analisa o comportamento reprodutivo da mulher mineira nas últimas décadas. Primeiro, utiliza-se de estimativas do nível de fecundidade das mulheres para o estado e suas Regiões de Planejamento. Posteriormente, são analisados os níveis e a estrutura de fecundidade das mulheres para o estado, tomando-se distintas características: situação do domicílio, cor, nível educacional e rendimento. Por último, traça um perfil da queda dos níveis de fecundidade em nível municipal, apontando os diferenciais regionais que ainda persistem.

Palavras-chave: Fecundidade; Minas Gerais; Nível de Reposição; Diferenciais.

Introdução

As transformações sociais, econômicas, culturais e políticas vêm exercendo influência cada vez mais decisiva no comportamento reprodutivo da mulher mineira. No início da década de 90, a queda do nível de fecundidade, medido pela Taxa de Fecundidade Total (TFT), já se apresentava abaixo do nível de reposição para algumas localidades brasileiras e grupos populacionais específicos.

O resultado final de queda dos níveis de fecundidade, principalmente em índices tão reduzidos, provoca importantes alterações no ritmo de crescimento da população e na sua distribuição por idade. Baixa fecundidade por período prolongado resulta em uma população de poucos jovens e muitos idosos, quaisquer que sejam as condições de mortalidade (COALE, 1987). Nesse quadro, a imigração age como efeito compensatório, mas de menor influência sobre as implicações da fecundidade baixa. Além disso, no longo prazo, nível de fecundidade abaixo da reposição certamente levaria à redução dos volumes populacionais, ou seja, taxas de crescimento negativas.

* Demógrafa e Pesquisadora da Fundação João Pinheiro.

Em comparação com outros países, principalmente europeus, o processo de queda da fecundidade no Brasil teve início mais tardiamente, mas apresentou ritmo muito mais intenso. Em apenas quatro décadas, de 1960 a 2000, a TFT passou de pouco mais de 6 filhos para 2,3 filhos, valor bastante próximo do nível de reposição.

A constatação de acentuada queda no nível de fecundidade das mulheres, feita em nível nacional, pode também ser estendida para o estado de Minas Gerais. A partir dos anos sessenta, verificam-se reduções significativas do nível de fecundidade das mulheres residentes em Minas Gerais. HORTA e FONSECA (2000) apontam que isso é consequência da importante queda no nível de fecundidade ocorrida em todas as regiões do estado, de forma mais significativa naquelas em que o nível era mais elevado, sugerindo a idéia de convergência. Tomando como referência algumas características das mulheres residentes em Minas em 1991, as autoras concluem: em termos de nível de fecundidade, os diferenciais entre urbano e rural são cada vez mais tênues; as mulheres brancas apresentam nível inferior às mulheres pretas e pardas; e, à medida que o nível educacional das mulheres e o rendimento familiar aumentam, a TFT diminui.

Nesse cenário, torna-se de fundamental importância a divulgação contínua de levantamentos empíricos e a realização de estudos analíticos, com informações atualizadas, sobre o comportamento dos indicadores demográficos, mais especificamente aqueles que tratam da mensuração e do diagnóstico do comportamento reprodutivo das mulheres. É preciso que investigações ofereçam maior detalhamento de questões suscitadas e que hipóteses sejam levantadas sobre o estudo da componente *fecundidade* no presente e, principalmente, no futuro.

O objetivo deste trabalho é dar prosseguimento aos estudos sobre o comportamento reprodutivo da mulher mineira, apresentando, em primeiro lugar, estimativas recentes a respeito do seu nível de fecundidade para o total de Minas Gerais e suas Regiões de Planejamento. Busca-se responder a perguntas como: A propalada convergência dos níveis de fecundidade da mulher mineira seria realmente uma realidade? Pretende-se, também, analisar a estrutura da fecundidade, segundo a idade, além de mensurar os diferenciais que porventura possam existir no que diz respeito às características de domicílio de residência, cor, nível de escolaridade e renda familiar. Com isso, pretende-se traçar um perfil sucinto do panorama

recente do processo de queda do nível de fecundidade da mulher mineira, em nível municipal por Região de Planejamento, apontando os diferenciais regionais que ainda persistem.

2. Metodologia

Para calcular a Taxa Específica de Fecundidade (TEF) e a Taxa de Fecundidade Total (TFT), empregou-se a metodologia de cálculo desenvolvida por Brass (1968), denominada de “Método da Razão P/F”, que combina dois tipos de informações classificadas segundo a idade das mulheres: fecundidade corrente¹ e fecundidade retrospectiva, ou parturição.² O emprego de tal método indireto justifica-se pelo fato de no Brasil ainda não se dispor de dados completos e totalmente confiáveis para o registro civil.

Além das informações sobre a TFT, tomadas de HORTA e FONSECA (2000), utilizou-se como fonte de dados básicos o Censo Demográfico de 2000, para a atualização do estudo. As estimativas da TFT em nível municipal foram também calculadas pelo método de Brass e têm como fonte o *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*³. Uma vez que o nível de desagregação mínimo requerido para a estimativa da TFT foi o municipal, tornaram-se necessárias algumas adaptações ao método original.⁴

3. Evolução do Nível e do Padrão de Fecundidade em Minas Gerais

Após a ruptura do processo reprodutivo da população, que se deu mais intensamente a partir dos anos sessenta, assiste-se a quedas continuadas do nível de fecundidade em todo o estado de Minas Gerais. Nas décadas de 60 e 70, a TFT da mulher mineira cai de 6,3 filhos por mulher para 4,3, ou seja, uma redução de 32%. Na década seguinte, a queda é ainda maior: praticamente 37%, determinando uma TFT de 2,7 filhos por mulher em 1991. Apesar de menos intenso, uma vez que a fecundidade começa a alcançar patamares cada vez menores, a década de 90 também apresenta reduções importantes no nível de fecundidade das mulheres

¹ Número de filhos nascidos vivos durante os 12 meses anteriores à data da pesquisa.

² Número total de nascidos vivos.

³ A fonte da informação de TFT para os municípios mineiros é: IPEA/PNUD/FJP/IBGE, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2000.

⁴ Uma descrição metodológica mais detalhada da metodologia de cálculo do indicador de Taxa de Fecundidade Total pode ser encontrada em: HORTA, NOGUEIRA e CARVALHO, “Evolução do comportamento reprodutivo da mulher brasileira 1991 e 2000: cálculo da taxa de fecundidade total em nível municipal” trabalho enviado para seleção no “XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais”.

residentes em Minas Gerais. Nesse período, cai 17%, chegando em 2000 a 2,3 filhos por mulher, valor próximo ao nível de reposição.⁵

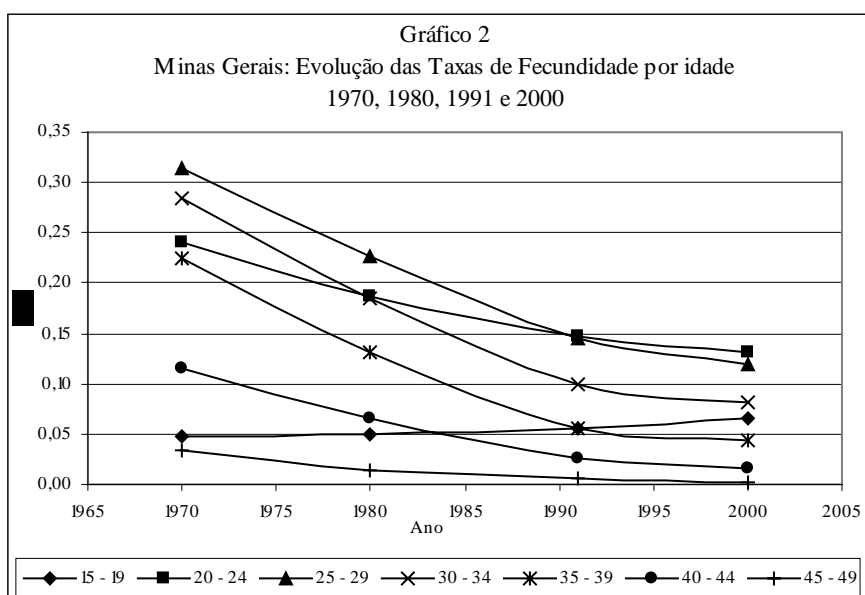
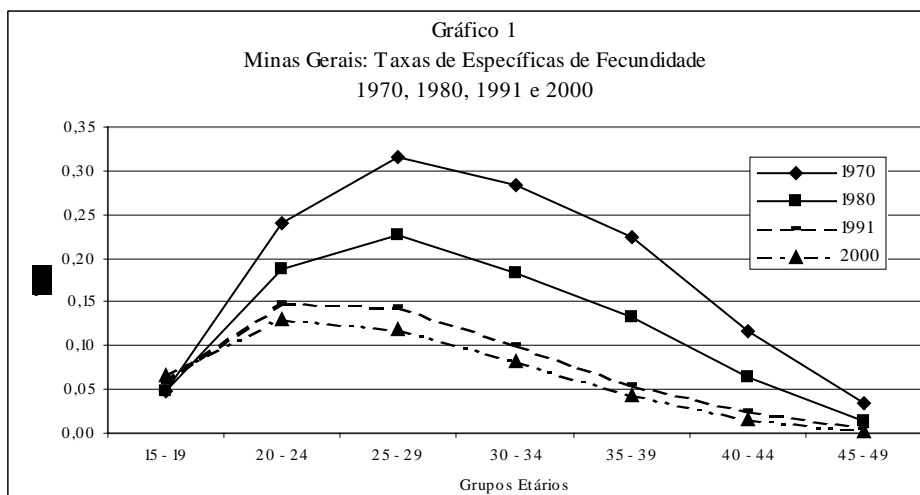
Pode-se assumir que os principais fatores que sustentaram as contínuas quedas dos níveis de fecundidade estão altamente associados: à inserção da mulher no mercado de trabalho, proporcionando-lhe maior status social; ao aumento do seu nível educacional; à maior divulgação e acesso aos métodos anticonceptivos; e ao fenômeno da difusão dos novos conceitos de tamanho de família, produzido pela expansão dos meios de comunicação de massa. Somam-se, ainda, as crises econômicas vivenciadas pela população, com reflexo na queda da renda dos trabalhadores e no aumento do número de desempregados.

A análise do conjunto da taxa específica de fecundidade por faixa etária mostra nuances do comportamento reprodutivo da mulher que não podem ser reveladas por uma medida síntese, como o número médio de filhos que ela teria ao terminar o seu período reprodutivo. Além da evidência da queda da fecundidade dada pela superposição dos anos, as curvas apontam para o fato de que mesmo nos últimos dois anos considerados (entre 1991 e 2000) houve redução no nível em todas as faixas etárias de mulheres, com exceção para a de jovens mulheres entre 15 e 19 anos, que apresentou elevação de 17% ao longo dos anos noventa (gráf. 1). Assim, essa faixa passa a responder por parcela maior no cômputo da fecundidade total – em 1991, era de 10,5%, passando para 14,3% em 2000 –, corroborando para o rejuvenescimento da estrutura de fecundidade em Minas Gerais.⁶

O ritmo de queda da TEF segundo a idade das mulheres vem se arrefecendo desde 1970, determinado pela inclinação das curvas (gráf. 2). Pode-se observar também que o ritmo de queda das mulheres de 20 a 24 anos foi mais lento que o daquelas de 25 a 29 anos e de 30 a 34 anos. Se em 1970 a primeira faixa etária ocupava a terceira posição em nível, passa a ocupar a primeira posição em 1991, consolidando-se no ano 2000. Por outro lado, a faixa etária de jovens mulheres de 15 a 19 anos passa da sexta posição para a quarta posição nesse mesmo período. A curva para Minas Gerais confirma-se caracteristicamente como de fecundidade precoce, com a cúspide localizando-se na faixa de 20 a 24 anos.

⁵ O nível de reposição é definido pelo valor de 2,1 filhos por mulher e pode ser interpretado, de forma simples, como sendo os nascimentos suficientes apenas para repor o estoque populacional.

⁶ A mudança da estrutura por idade da fecundidade vem acompanhada pela redução da idade média, em que as mulheres têm seus filhos e uma concentração em torno desta idade. Em 1970, a idade média era de 30,49 anos, com um desvio de 7,16 anos. Em 2000, esses valores chegavam a 26,60 e 6,56 anos, respectivamente.



Deve-se ressaltar que outro fenômeno associado à queda da fecundidade é a mudança observada na estrutura etária da população como um todo, produzindo populações jovens, com participação relativa decrescente no total da população, com tendência, inclusive, de redução em termos absolutos. Um exemplo é a faixa etária de mulheres de 15 a 19 ano, que, se em 1970 representava 12,0% da população total de mulheres do estado, passa a representar 10,0%, em 2000.

Sendo Minas Gerais um estado de considerável dimensão geográfica e de grandes desigualdades regionais, com importantes disparidades *intra* e inter-regionais, refletindo diretamente nas condições de vida da sua população, é estritamente necessário analisá-lo segundo níveis geográficos mais desagregados. Inicialmente, serão apresentados resultados referentes às médias regionais, traçando um perfil evolutivo dos níveis de fecundidade para as

dez Regiões de Planejamento. Em seguida, considerando-se que ainda pode-se estar tratando de generalizações inadequadas, pois são também conhecidas as desigualdades e disparidades intra-regionais, elabora-se um estudo mais detalhado do nível de fecundidade das mulheres residentes em Minas Gerais segundo os municípios mineiros.

3.1 Regiões de Planejamento

A queda na TFT observada no estado como um todo é resultado da redução do nível de fecundidade ocorrido em todas as Regiões de Planejamento, em maior ou menor grau. Vale destacar que continuam sendo as regiões com os níveis mais altos do estado, aquelas que apresentaram as quedas mais acentuadas, a despeito de ainda continuarem com os níveis mais elevados. A região Noroeste de Minas, que se destacava, entre 1980 e 1991, com uma queda de 2,92 filhos por mulher, tem na década seguinte uma queda menos significativa, mas ainda importante. No período seguinte, que vai de 1991 a 2000, a região Norte de Minas apresenta a queda mais significativa dentre as demais regiões. Em praticamente uma década, o número médio de filhos por mulher reduz em 1,24 filho nessa região. Nessas duas regiões, mais a região Jequitinhonha/Mucuri, as mulheres têm as maiores TFT, destacando-se essa última. No Jequitinhonha/Mucuri a TFT, em 2000, era de 3,20 filhos por mulher, valor verificado para as mulheres residentes da região Sul duas décadas antes (tab. 1).

Apesar dessas disparidades, vale lembrar o fato de que as demais regiões tiveram uma redução inferior, em função de já terem atingido níveis mais reduzidos, corrobora a suposição feita em HORTA e FONSECA (2000) da idéia de convergência futura das taxas de fecundidade.

Tabela 1
Taxa de Fecundidade Total segundo
Regiões de Planejamento de Minas Gerais -1980, 1991 E 2000

REGIÕES DE PLANEJAMENTO	TFT		
	1980	1991	2000
Minas Gerais	4,30	2,70	2,30
Alto Paranaíba	3,71	2,34	2,28
Central	3,79	2,32	2,09
Centro-Oeste de Minas	3,77	2,36	2,12
Rio Doce	5,12	2,99	2,35
Jequitinhonha/Mucuri	6,51	4,12	3,20
Mata	3,96	2,67	2,22
Noroeste de Minas	6,16	3,24	2,83
Norte de Minas	6,21	4,18	2,94
Sul de Minas	3,80	2,64	2,36
Triângulo	3,24	2,21	1,96

Fonte: 1980 e 1991, Horta e Fonseca (2000) e 2000, Atlas 2000

É interessante apontar que são as regiões com as mais elevadas TFT as detentoras dos mais baixos níveis de renda e condições de vida do estado. Mesmo apresentando níveis elevados de fecundidade, essas regiões concentram volumes reduzidos de populações sujeitas ao risco reprodutivo. Apenas 14% das mulheres de 15 anos ou mais de idade de todo o estado residiam nessas regiões.⁷

Por outro lado, vale destacar o reduzido nível de fecundidade nas regiões Triângulo, Central e Centro-Oeste de Minas, nas quais as TFT, em 2000, já são inferiores ou iguais a 2,1 filhos por mulher, nos níveis da taxa de reposição. Destaca-se, ainda, a importância dessas regiões em termos de volume populacional de mulheres. Em 2000, nessas três regiões residiam cerca de 3,3 milhões de mulheres de 15 anos ou mais, isto é, a metade da população dessas mulheres no estado. A região Central responde, sozinha, por 71% deste total.

3.2 Municípios

A análise mais acurada dos padrões de fecundidade da mulher mineira segundo a TFT estimada para todos os municípios do estado constata a diversidade interna de níveis e a queda continuada para o conjunto entre 1991 e 2000.

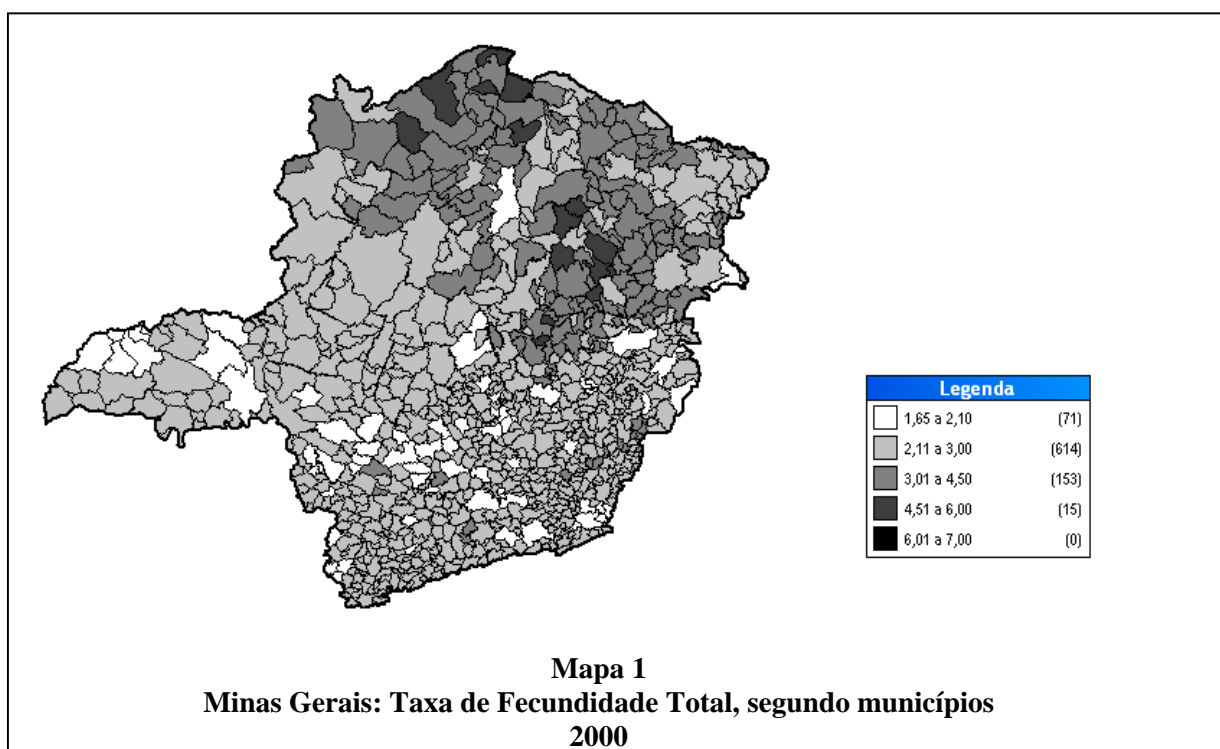
⁷ Como se verá daqui para frente, utiliza-se em alguns momentos a população feminina de 15 anos ou mais com população sujeita ao risco reprodutivo. Vale lembrar que nesse caso seria mais correto a utilização da população em idade reprodutiva, que seria aquela de 15 a 49 anos. Alguns dos dados aqui empregados têm como fonte o Atlas 2000, segundo o qual essa população não se encontra disponível. Não foi possível extraí-los de outra fonte de informações – principalmente em nível de municípios –, uma vez que o referido trabalho reconstituiu em 1991 os municípios que passaram a existir depois dessa data. Deve-se observar que tanto para 1991 como para 2000 trabalha-se com 5508 municípios.

Para fins de análise, foram estabelecidas categorias classificatórias de níveis de fecundidade tomando-se como base os valores estimados da TFT e os níveis médios de fecundidade constatados no Brasil entre 1970 e 1991. Convencionou-se, portanto, como:

- **fecundidade baixa**: TFT até 3,0 filhos por mulheres – fecundidade média brasileira no ano de 1991. Destacou-se dentro desse grupo o subgrupo de **fecundidade bem baixa**, menor que o nível de reposição, ou 2,1 filhos.
- **fecundidade em transição**: TFT entre 3,0 filhos por mulher até 4,5 filhos – essa última, correspondendo à média nacional em 1980.
- **fecundidade alta**: TFT maior que 4,5 filhos por mulher. Dentro deste grupo, destacou-se o subgrupo de **fecundidade bem alta**, maior que 6,0 filhos, nível médio do Brasil em 1970.

As Tabelas 2 e 3 mostram a distribuição dos municípios mineiros e a população feminina de 15 anos ou mais de idade, segundo as categorias acima convencionadas. Além disso, apresenta-se a singular configuração da distribuição geográfica dos municípios de acordo com o nível de fecundidade, em 2000: à medida que se caminha do sul do estado em direção ao norte, passa-se de uma TFT menor para uma TFT maior (mapa 1). Claramente, essa conformação é muito similar àquela estabelecida quando se analisam indicadores de qualidade de vida e desenvolvimento humano.

Em 1991, apenas quatro municípios mineiros – Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberaba e Barbacena – apresentavam nível de fecundidade bem abaixo (igual ou inferior ao nível de reposição). Entretanto, residiam nesses municípios praticamente 20,0% das mulheres de 15 anos ou mais do estado. Na década seguinte, esse percentual é bem mais significativo, mesmo que em termos de número de municípios ainda não ser tão representativo. No ano 2000, 71 municípios mineiros encontravam-se no grupo de **fecundidade bem baixa**, residindo neles cerca de 45,0% das mulheres de 15 anos ou mais. Como se verá mais à frente, esses municípios localizam-se basicamente nas Regiões de Planejamento Central (17), Centro-Oeste de Minas (13), Sul de Minas (13), Mata (9) e Rio Doce (7). Em termos de volume populacional, tem-se que metade das mulheres sujeitas a essa fecundidade vivia na região Central, mais especificamente em Belo Horizonte (tab. 2).



Quando se considera o conjunto de municípios com *fecundidade baixa* como um todo, é inquestionável a predominância em termos de volume e de percentual de municípios mineiros nesse grupo. Já em 1991, esta categoria representava quase 50,0% dos municípios e 70,0% da população feminina de 15 anos ou mais. Mais recentemente, esses percentuais passam para 80,0% dos municípios mineiros e o significativo percentual de mais de 90,0% das mulheres mineiras de 15 anos ou mais. Assim, tem-se que apenas 10,0% das mulheres mineiras estariam sujeitas a nível reprodutivo superior à média brasileira observada na década anterior.

A maioria das Regiões de Planejamento encontrava-se na categoria de *fecundidade baixa*. No caso específico do Alto Paranaíba e Triângulo, todos os municípios tinham, em 2000, TFT abaixo de 3,0 filhos por mulher. Chama-se a atenção para o volume da população feminina que vivia em municípios com *fecundidade muito baixa* na região do Triângulo. Em torno de 75% dessas mulheres estavam expostas a taxa de fecundidade inferior ao nível de reposição, mesmo que estes representem apenas 25% dos municípios dessa região.

Tabela 2
Minas Gerais: Número de municípios e população de mulheres de 15 anos ou mais
segundo níveis de TFT

TFT	1991				2000			
	Municípios		População		Municípios		População	
	número	%	número	%	número	%	número	%
Até 2,10	4	0,47	1.027.177	19,34	71	8,32	2.929.727	44,78
2,11 a 3,00	405	47,48	2.720.727	51,23	614	71,98	3.069.399	46,92
3,00 a 4,50	324	37,98	1.221.620	23,00	153	17,94	494.610	7,56
4,50 a 6,00	106	12,43	311.843	5,87	15	1,76	48.274	0,74
Mais de 6,00	14	1,64	29.373	0,55	-	-	-	-
Total	853	100,00	5.310.740	100,00	853	100,00	6.542.010	100,00

Fonte: Dados básicos: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

As Regiões Central, Centro-Oeste de Minas, Rio Doce, Mata e Sul de Minas também estavam classificadas como de *fecundidade baixa*, mas detinham peculiaridades que as tornavam semelhantes em determinado sentido e distintas em outro. Em todas elas ainda observavam-se, em número bem reduzido, municípios com *fecundidade em transição* e, até mesmo, municípios com *fecundidade alta*: dois na região Central e um no Rio Doce. O que, na verdade, parece diferenciá-las em maior grau é o fato de em duas delas o percentual de mulheres de 15 anos ou mais que vivem em municípios de *fecundidade muito baixa* ser bem expressivo. Em média, 60,0% das populações femininas das regiões Central e Centro-Oeste de Minas apresentavam fecundidade abaixo do nível de reposição, apesar dos percentuais serem bem menos significativos em número de municípios.

Tabela 3
Regiões de Planejamento de Minas Gerais
Número de municípios e população de mulheres de 15 anos ou mais segundo níveis de TFT

(continua)

Regiões de Planejamento	1991				2000			
	Municípios		População		Municípios		População	
	número	%	número	%	número	%	número	%
ALTO PARANAÍBA	31	100,00	174.070	100,00	31	100,00	213.078	100,00
Até 2,10	-	-	-	0,00	1	3,23	30.066	14,11
2,11 a 3,00	31	100,00	174.070	100,00	30	96,77	183.012	85,89
3,00 a 4,50	-	-	-	-	-	-	-	-
4,50 a 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Mais de 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRAL	158	100,00	1.844.958	100,00	158	100,00	2.373.616	100,00
Até 2,10	2	1,27	801.205	43,43	17	10,76	1.462.481	61,61
2,11 a 3,00	96	60,76	713.847	38,69	124	78,48	875.306	36,88
3,00 a 4,50	46	29,11	292.033	15,83	15	9,49	33.361	1,41
4,50 a 6,00	13	8,23	36.515	1,98	2	1,27	2.468	0,10
Mais de 6,00	1	0,63	1.358	0,07	-	-	-	-
CENTRO-OESTE DE MINAS	56	100,00	297.898	100,00	56	100,00	366.715	100,00
Até 2,10	-	-	-	-	13	23,21	218.733	59,65
2,11 a 3,00	49	87,50	274.687	92,21	42	75,00	142.319	38,81
3,00 a 4,50	7	12,50	23.211	7,79	1	1,79	5.663	1,54
4,50 a 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Mais de 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-
RIO DOCE	102	100,00	479.928	100,00	102	100,00	553.121	100,00
Até 2,10	-	-	-	-	7	6,86	261.330	47,25
2,11 a 3,00	16	15,69	246.347	51,33	70	68,63	220.865	39,93
3,00 a 4,50	72	70,59	201.961	42,08	24	23,53	67.310	12,17
4,50 a 6,00	13	12,75	30.602	6,38	1	0,98	3.616	0,65
Mais de 6,00	1	0,98	1.018	0,21	-	-	-	-
JEQUITINHONHA/MUCURI	66	100,00	295.074	100,00	66	100,00	326.163	100,00
Até 2,10	-	-	-	-	1	1,52	15.234	4,67
2,11 a 3,00	2	3,03	58.983	19,99	26	39,39	151.719	46,52
3,00 a 4,50	34	51,52	142.784	48,39	35	53,03	134.358	41,19
4,50 a 6,00	28	42,42	90.448	30,65	4	6,06	24.852	7,62
Mais de 6,00	2	3,03	2.859	0,97	-	-	-	-
MATA	142	100,00	640.150	100,00	142	100,00	757.418	100,00
Até 2,10	1	0,70	148.472	23,19	9	6,34	265.973	35,12
2,11 a 3,00	73	51,41	323.416	50,52	120	84,51	464.900	61,38
3,00 a 4,50	62	43,66	158.744	24,80	13	9,15	26.545	3,50
4,50 a 6,00	6	4,23	9.518	1,49	-	-	-	-
Mais de 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-

Tabela 3
Regiões de Planejamento de Minas Gerais
Número de municípios e população de mulheres de 15 anos ou mais segundo níveis de TFT

Regiões de Planejamento	(continuação)							
	1991				2000			
	Municípios		População		Municípios		População	
	número	%	número	%	número	%	número	%
NOROESTE DE MINAS	19	100,00	90.968	100,00	19	100,00	110.153	100,00
Até 2,10	-	-	-	-	-	-	-	-
2,11 a 3,00	4	21,05	14.394	15,82	14	73,68	91.679	83,23
3,00 a 4,50	15	78,95	76.574	84,18	5	26,32	18.474	16,77
4,50 a 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Mais de 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-
NORTE DE MINAS	89	100,00	401.163	100,00	89	100,00	491.692	100,00
Até 2,10	-	-	-	-	1	1,12	112.844	22,95
2,11 a 3,00	1	1,12	82.802	20,64	25	28,09	165.203	33,60
3,00 a 4,50	34	38,20	151.137	37,67	55	61,80	196.307	39,92
4,50 a 6,00	44	49,44	143.086	35,67	8	8,99	17.338	3,53
Mais de 6,00	10	11,24	24.138	6,02	-	-	-	-
SUL DE MINAS	155	100,00	706.492	100,00	155	100,00	866.245	100,00
Até 2,10	-	-	-	-	13	8,39	183.250	21,15
2,11 a 3,00	103	66,45	535.661	75,82	137	88,39	670.403	77,39
3,00 a 4,50	50	32,26	169.157	23,94	5	3,23	12.592	1,45
4,50 a 6,00	2	1,29	1.674	0,24	-	-	-	-
Mais de 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	35	100,00	380.039	100,00	35	100,00	483.809	100,00
Até 2,10	1	2,86	77.500	20,39	9	25,71	379.816	78,51
2,11 a 3,00	30	85,71	296.520	78,02	26	74,29	103.993	21,49
3,00 a 4,50	4	11,43	6.019	1,58	-	-	-	-
4,50 a 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Mais de 6,00	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Dados básicos: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

Com participação cada vez menor, encontra-se o conjunto de municípios da categoria denominada *fecundidade de transição*. Nesse grupo, há uma redução do número de municípios, que ainda era bastante expressivo em 1991. De 38,0%, passa para 18% em 2000. Em termos da população feminina, a queda é ainda mais significativa: de 23,0% para apenas 8,0%.

As regiões Jequitinhonha/Mucuri e Norte estariam, indiscutivelmente, classificadas nessa categoria. Mais de 50,0% dos municípios pertencentes a essas duas regiões tinham TFT entre 3,0 e 4,5 filhos por mulher, sendo que em torno de 40,0% das mulheres de 15 anos ou mais estariam residindo nesses municípios. Diferentemente do observado para o total do estado,

nessas regiões não ocorreu queda do número de municípios. Houve, na verdade, aumento entre 1991 e 2000. No caso da região Jequitinhonha/Mucuri, chama atenção ainda o elevado percentual de mulheres que em 2000 viviam em municípios com TFT entre 2,1 e 3,0 filhos por mulher: 46,5%.

Mais interessante ainda é observar a tendência de desaparecimento do grupo de municípios de *fecundidade alta*. Tem-se que nesse mesmo ano apenas 2,0% dos municípios mineiros (20 municípios) apresentavam níveis de fecundidade acima da média nacional de três décadas atrás, sendo menos expressiva ainda o contingente de população feminina residindo nesses municípios. No caso do estado de Minas Gerais, o grupo de *fecundidade bem alta* deixa de existir em 2000.⁸

Grupos de fecundidade bem alta encontram-se, basicamente, localizados nas regiões Norte (8) e Jequitinhonha/Mucuri (4), onde vivia contingente populacional mínimo de cerca de 3,5% e 8,0% das populações de 15 anos ou mais, respectivamente. Destaca-se que na década anterior o peso dessa categoria era bem maior, dadas as mais altas TFT: 42,0% dos municípios do Jequitinhonha/Mucuri e metade dos municípios do Norte eram de *fecundidade alta*, concentrando populações em torno de 30,0% e 36,0%, nessa ordem.

4. Fecundidade em Minas Gerais: características selecionadas

Esta seção traça um perfil dos diferenciais de fecundidade das mulheres em Minas Gerais, considerando suas diferentes condições e características. Com o objetivo de atualizar o estudo desenvolvido por HORTA e FONSECA (2000), foram realizadas desagregações, utilizando-se o Censo Demográfico 2000, para as seguintes especificidades: situação de domicílio, cor, escolaridade (número médio de anos de estudo) e renda (rendimento familiar médio).⁹

É importante ressaltar que as estimativas de fecundidade em uma dada característica da população (exceto para raça) ou, mesmo, intervalo de escolaridade ou renda familiar não devem ser interpretadas como sendo estimativas das mulheres que permaneceram por todo o período reprodutivo com essa característica ou dentro deste intervalo. Deve ficar claro que

⁸ Isso não ocorre ainda em nível nacional. Em 2000, esse grupo, apesar de pouco significativo, não chega a 4,0% dos municípios ou a pouco mais de 1,0% das mulheres de 15 anos ou mais do país como um todo.

⁹ Nessa seção, será utilizada a população de 15 a 49 anos de idade como aquela sujeita ao risco reprodutivo.

representa a fecundidade das mulheres que no ano específico (ano do levantamento) se encontravam com essa determinada característica ou em determinado intervalo. As comparações que serão amplamente empregadas nesta seção entre “mesmas categorias” ao longo do período não implicam necessariamente comparações entre o mesmo conjunto de indivíduos. Na verdade, a mobilidade entre as categorias (ou grupos), com exceção da cor das mulheres, pode ser muito intensa.

O objetivo aqui é comparar os padrões de fecundidade de grupos de mulheres que em períodos diferentes compartilham posições hierarquicamente semelhantes, cada uma em seu tempo. Deve-se enfatizar, ainda, que, no caso do estudo dos diferenciais de rendimento familiar (trabalhado segundo grupos de salários mínimos), trata-se de valores distintos para o salário tomado como referência. Os salários mínimos de referência não necessariamente equivalem-se ao mesmo poder de compra. Nos dois períodos, estar-se-á referindo a grupos “mais pobres” ou grupos “mais ricos”.

4.1 Situação do domicílio

A evidência de que entre 1991 e 2000 a TFT da população rural do estado de Minas Gerais diminuiu com maior intensidade comparativamente à população urbana vem apontar para a redução das disparidades em termos de nível de fecundidade. Apesar disso, a distância entre a população rural e a população urbana é ainda elevada. Em média, as mulheres que viviam nas áreas rurais tinham 1,18 filho a mais que as mulheres que viviam nas áreas urbanas. Entretanto, as áreas rurais do estado concentravam volume população bem inferior (15,0%). Mais interessante ainda é constatar que para essas últimas a taxa média de fecundidade encontra-se exatamente no nível de reposição. O fato de a grande maioria da população residir em áreas urbanas estabelece uma grande semelhança entre as curvas para urbano e rural, tanto de estrutura como de nível. Deve-se observar, entretanto, que as maiores diferenças entre uma população e outra se dão justamente nas primeiras idades, nas quais os diferenciais entre nível de fecundidade urbano e rural são maiores (tab. 4 e gráf. 3 e 4).

Apesar de ambas se caracterizarem como de fecundidade precoce, ou seja, a cúspide das duas concentra-se no grupo de mulheres de 20 a 24 anos – mais intensamente para aquelas que viviam na área rural –, a idade média que as mulheres tinham ao gerarem seus filhos é maior

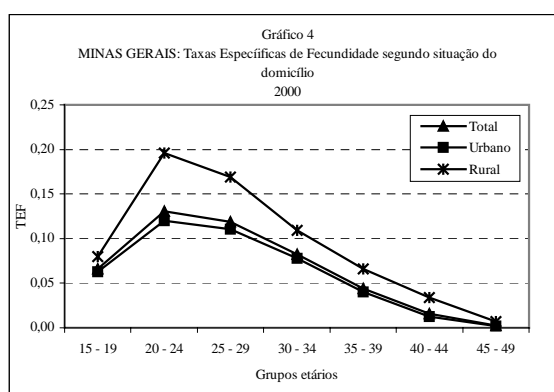
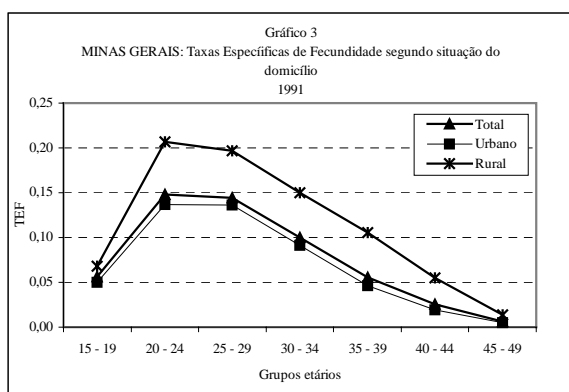
no rural (27,12 anos), comparativamente ao urbano (26,52), uma vez que a fecundidade das mulheres que vivem nas áreas rurais era mais elevada.

Tabela 4
Minas Gerais: Taxa de Fecundidade Total
segundo situação do domicílio
1970, 1980 E 1991

Ano	Taxa de Fecundidade Total		
	Total	Urbana	Rural
1970	6,31	5,30	7,65
1980	4,29	3,72	5,81
1991	2,68	2,42	3,98
2000	2,30	2,13	3,31

Fonte: 1970 a 1991: Anuário Estatístico de Minas Gerais, 1990-1993
 2000: dados básicos IBGE, Censo Demográfico 2000

A representação gráfica das curvas de fecundidade para urbano e rural, nos anos de 1991 e 2000, permite visualizar um processo de maior descolamento dos grupos etários de 20 a 29 anos e uma aproximação nas idades acima dos 30 anos. No primeiro caso, em função das maiores quedas observadas para as mulheres residentes das áreas urbanas, comparativamente àquelas residentes nas áreas rurais. No segundo caso, o contrário seria verdadeiro; ou seja, as TEF das mulheres que viviam nas áreas rurais reduziram-se mais fortemente, comparativamente àquelas que viviam nas áreas urbanas.



Chama a atenção o significativo aumento da fecundidade das jovens de 15 a 19 anos nas áreas urbanas. Em 2000, essas passam a responder por quase 15,0% da fecundidade total.

4.2 Cor¹⁰

Os diferenciais segundo a cor das mulheres, apesar da redução ocorrida entre 1991 e 2000, persistem quando se analisam tanto as TFT como as TEF. As mulheres brancas têm, na média, nível de fecundidade inferior em relação às mulheres pretas e pardas. Em 2000, as mulheres brancas tinham fecundidade de 2,08 filhos por mulher, nível abaixo da reposição, estabelecendo uma diferença de 0,58 e 0,44 filho por mulher comparativamente às mulheres pretas e pardas, respectivamente. A TFT das mulheres pretas e pardas nesse ano aproxima-se muito do nível médio observado para o estado de Minas Gerais em 1991. Em termos de volume populacional, ou seja, de mulheres expostas ao risco reprodutivos – idade entre 15 e 49 anos –, vale destacar que, apesar de apresentarem os mais elevados níveis de fecundidade, as mulheres negras são minoria na população total. Em 2000, eram pouco mais de 380 mil mulheres (6,2%). As mulheres brancas, com a menor TFT, representavam a maioria dessa

Tabela 5
MINAS GERAIS - Taxa de Fecundidade Total e específica segundo cor
1991 e 2000

GRUPOS ETÁRIOS	1991				2000			
	Branca	Preta	Parda	Outras	Branca	Preta	Parda	Outras
15 - 19	0,0497	0,0663	0,0624	0,0601	0,0536	0,0776	0,0745	0,0679
20 - 24	0,1328	0,1556	0,1676	0,1418	0,1106	0,1518	0,1450	0,1227
25 - 29	0,1321	0,1674	0,1586	0,1255	0,1198	0,1276	0,1291	0,1075
30 - 34	0,0907	0,1206	0,1096	0,0776	0,0838	0,0900	0,0844	0,0739
35 - 39	0,0455	0,0710	0,0685	0,0345	0,0362	0,0540	0,0481	0,0488
40 - 44	0,0198	0,0336	0,0334	0,0208	0,0081	0,0249	0,0194	0,0215
45 - 49	0,0041	0,0070	0,0100	0,0020	0,0030	0,0050	0,0034	0,0047
TFT	2,37	3,11	3,05	2,31	2,08	2,65	2,52	2,24

Fonte: 1991: HORTA e FONSECA (2000) e 2000: Dados básicos:IBGE, Censo Demográfico 2000

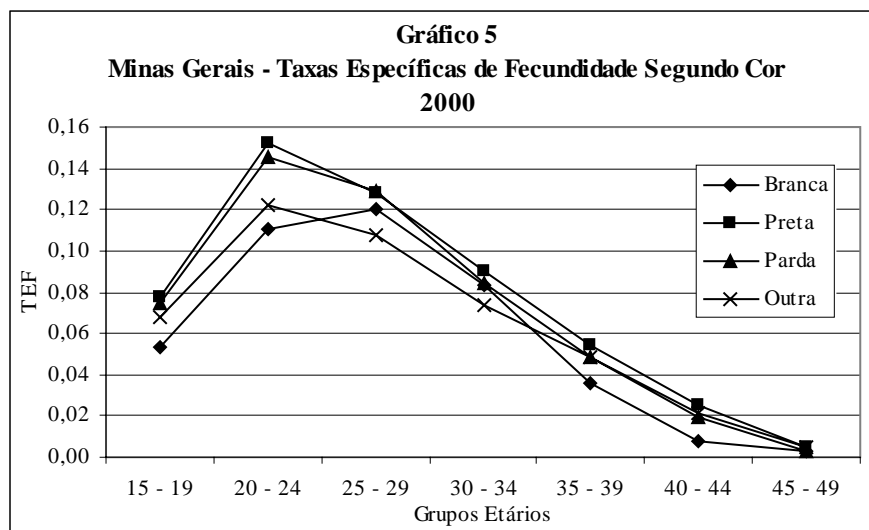
Nota: Outras inclui amarelo, indígena e sem declaração

população (64,2%). (tab. 5)

As mulheres pardas obtiveram as maiores quedas na TFT no período, aumentando ligeiramente seu diferencial de nível relativamente às mulheres pretas, que são aquelas que apresentam as maiores TFT nos anos considerados. Para todos os grupos de cor, aumentou a TEF das jovens da faixa etária de 15 a 19 anos, mais intensamente para as pretas e pardas, comparativamente às brancas. Em 2000, as mulheres pretas e pardas desta faixa etária

¹⁰ As denominações e as classificações utilizadas seguem integralmente as determinações estabelecidas pelo IBGE. No Censo Demográfico de 2000, considera-se, na investigação, as seguintes respostas para o quesito cor ou raça: “branca”, “preta”, “amarela”, “parda” (“mestiça”, “cabocla”, “mameluca”, “cafuzo”, etc.) e “indígena”.

passaram a responder por cerca de 15% da fecundidade total. Os maiores diferenciais em termos de TEF se dão nas últimas faixas etárias. Isso deve-se ao fato de as mulheres brancas já terem TFT reduzida e de os nascimentos ocorrerem, em sua grande maioria, nas idades mais jovens. (gráf. 5)



Os diferenciais raciais/étnicos aqui apontados não podem ser associados à cor da pele da população feminina, mas, na verdade, a questões de oportunidades distintas de acesso, como níveis mais elevados de educação, posição na ocupação, participação no mercado formal de trabalho e, algumas vezes, obtenção dos meios anticoncepcionais modernos, impondo diferenciais aos distintos segmentos populacionais discriminados quanto à cor.

4.3 Escolaridade

O cruzamento entre o nível de fecundidade da mulher mineira e o seu nível educacional mostra, claramente, a existência de uma relação inversa entre fecundidade e educação. À medida que se avança na escolaridade, as taxas de fecundidade vão se tornando cada vez menores, tanto para 1991 como para 2000. Para as mulheres sem instrução ou com menos de um ano de estudo, estimou-se uma taxa de 4,22 filhos por mulher, no ano 2000, ao passo que para o grupo de mulheres de maior instrução (8 anos ou mais de estudo de estudo, ou seja, com pelo menos o 1º grau completo) esse valor foi de 1,40 filho por mulher, valor bem abaixo do nível de reposição.¹¹ Também nesse caso a concentração de mulheres em idade reprodutiva

¹¹ Deve-se observar que já em 1991 esse grupo apresentava taxa de fecundidade total abaixo do nível de reposição.

(15 a 49 anos) está no grupo de menor fecundidade. Ou seja, 45,5% das mulheres mineiras em 2000 tinham 8 anos ou mais de estudo. No caso das mulheres sem instrução ou com menos de um de estudo, esse percentual é de cerca de 5,0%, valor pouco representativo (tab.6).

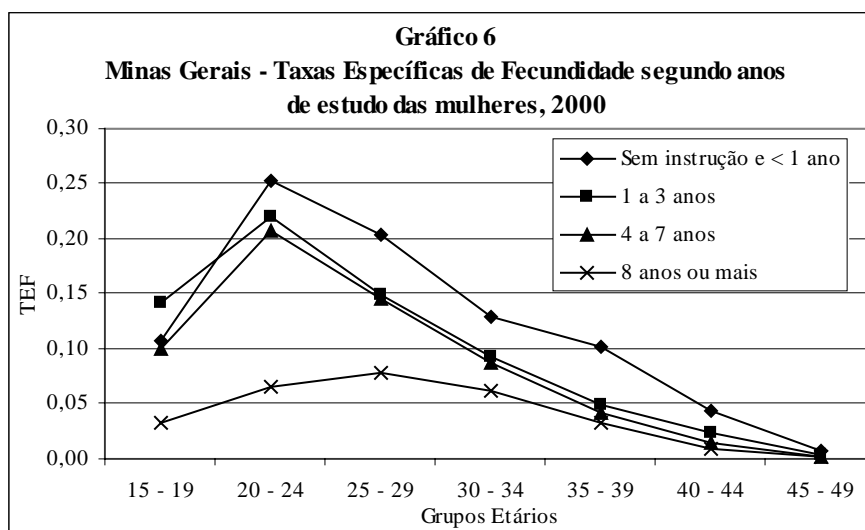
Vale destacar que os diferenciais segundo o nível educacional tornaram-se mais tênues na década de 90. Se em 1991, a diferença entre a maior e a menor TFT era de 3,80 filhos, em 2000 cai em aproximadamente 1 filho, ou para 2,82 filhos, apontando novamente para uma possível convergência futura dos níveis de fecundidade. A redução da disparidade observada

Tabela 6
MINAS GERAIS - Taxa de Fecundidade Total e específica
segundo anos de estudo das mulheres, 1991 E 2000

GRUPOS ETÁRIOS	1991				2000			
	Sem Instr. e < 1 ano	1 a 3	4 a 7	8 ou mais	Sem Instr. e < 1 ano	1 a 3	4 a 7	8 ou mais
15 - 19	0,0741	0,0879	0,0657	0,0265	0,1070	0,1415	0,1003	0,0322
20 - 24	0,3137	0,2386	0,1733	0,0812	0,2519	0,2198	0,2065	0,0659
25 - 29	0,2787	0,1869	0,2105	0,1067	0,2029	0,1490	0,1446	0,0773
30 - 34	0,2117	0,1342	0,1464	0,0788	0,1294	0,0935	0,0865	0,0619
35 - 39	0,1405	0,0761	0,0865	0,0359	0,1019	0,0498	0,0421	0,0332
40 - 44	0,0684	0,0329	0,0387	0,0134	0,0444	0,0228	0,0137	0,0088
45 - 49	0,0182	0,0078	0,0051	0,0020	0,0066	0,0041	0,0027	0,0009
TFT	3,8039	3,82	3,63	1,72	2,8193	3,40	2,98	1,40

Fonte: 1991: HORTA e FONSECA (2000) e 2000: Dados básicos:IBGE, Censo Demográfico 2000

decorre de uma queda mais acentuada dos níveis de fecundidade das mulheres classificadas no grupo “sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo”. Em apenas uma década observa-se uma redução de 1,31 filho por mulher, a despeito de este grupo ainda destacar-se dos demais em termos de nível, tanto da TFT como no conjunto de TEF (gráf. 6).



A estrutura de fecundidade segundo a faixa etária sugere peculiaridades interessantes em termos de nível educacional das mulheres mineiras. Primeiro, observa-se que o fenômeno do aumento da fecundidade dos jovens de 15 a 19 anos pode ser generalizado, embora ocorresse em maior intensidade para aquelas com 1 a 3 anos de estudo e para aquelas com 4 a 7 anos de estudo, nesta ordem. Segundo, chama a atenção o fato de a curva de fecundidade das mulheres sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo sobrepor-se indiscutivelmente a todas as demais em todas as faixas etárias, com exceção apenas daquela de 15 a 19 anos, que apresenta valor inferior ao verificado para a faixa de mulheres com 1 a 3 anos de estudo. Neste último, tem-se que praticamente 21% da fecundidade total (3,40 filhos por mulher) podem ser explicados pela fecundidade das jovens de 15 a 19. Vale destacar que, com exceção do grupo de mulheres com nível de educação mais elevado, a cúspide da curva se dá na faixa de idade de 20 a 24 anos –fecundidade precoce. Isso demonstra que as mulheres desse grupo de exceção reproduzem-se mais tarde que as de nível educacional mais baixo. O fato de as mulheres de escolaridade mais baixa ficarem expostas a um período maior de vida fértil pode implicar uma fecundidade mais elevada. Essas mulheres iniciaram suas vidas reprodutivas mais cedo e permanecerão por um período mais longo expostas ao risco de reprodução.

Não há dúvida de que o nível educacional das pessoas, mais especificamente das mulheres, relaciona-se inversamente ao número de filhos que essas terão ao longo do período reprodutivo. Quanto mais educada a mulher, maior a sua capacidade de obter e utilizar a informação, maior a oportunidade de inserção no mercado de trabalho. Também, este fator pode levar grande parte das mulheres a alterar sua cultura e seus valores, principalmente aqueles ligados aos papéis sociais.

4.4 Rendimento médio familiar

A taxa de fecundidade média para cada um dos segmentos de renda mostra que a TFT cai à medida que o rendimento aumenta. Apesar das reduções verificadas na década de 90, as disparidades de nível praticamente não se alteraram. Nos anos de 1991 e 2000, a diferença entre a fecundidade das mulheres “mais pobres” e das mulheres “mais ricas” foi de 2,5 e 2,3 filhos, respectivamente. Isso se deveu ao fato de – apesar de a redução do nível de fecundidade ter sido maior entre as mulheres “mais pobres” – ocorrerem também reduções

importantes na fecundidade das mulheres “mais ricas”: rendimento de 10 a 15 salários mínimos e de 15 ou mais salários mínimos (tab. 7).

Tabela 7
MINAS GERAIS - Taxa de Fecundidade Total e específica, segundo rendimento familiar médio (1)
1991 e 2000

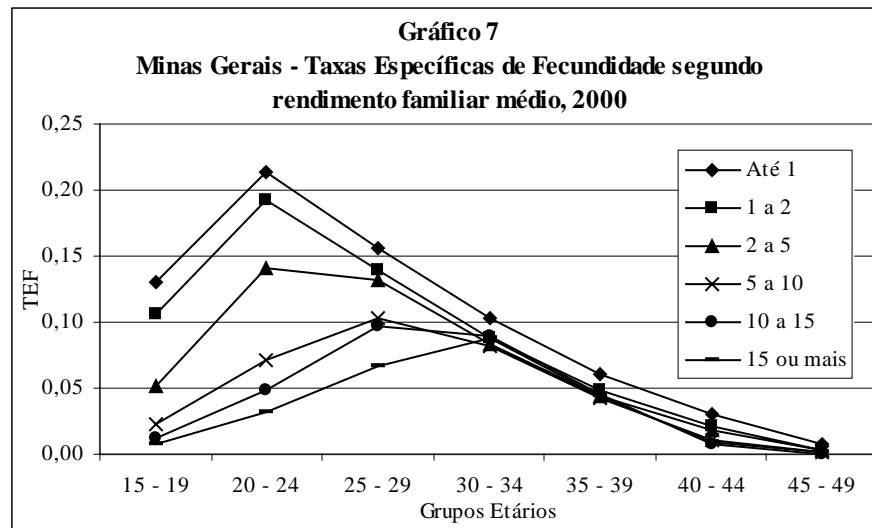
GRUPOS ETÁRIOS	1991						2000					
	até 1	de 1 a 2	de 2 a 5	de 5 a 10	10 a 15	15 ou +	até 1	de 1 a 2	de 2 a 5	de 5 a 10	10 a 15	15 ou +
15 - 19	0,1196	0,0714	0,0325	0,0135	0,0087	0,0072	0,1306	0,1068	0,0520	0,0234	0,0123	0,0074
20 - 24	0,2324	0,1975	0,1332	0,0739	0,0532	0,0391	0,2131	0,1921	0,1402	0,0706	0,0485	0,0311
25 - 29	0,1864	0,1630	0,1481	0,1197	0,1199	0,1101	0,1568	0,1396	0,1319	0,1025	0,0966	0,0659
30 - 34	0,1268	0,1059	0,0998	0,0892	0,1178	0,0946	0,1031	0,0886	0,0836	0,0815	0,0888	0,0884
35 - 39	0,0869	0,0711	0,0513	0,0374	0,0472	0,0426	0,0607	0,0482	0,0441	0,0431	0,0459	0,0443
40 - 44	0,0405	0,0384	0,0259	0,0165	0,0105	0,0131	0,0308	0,0217	0,0178	0,0109	0,0079	0,0090
45 - 49	0,0123	0,0107	0,0050	0,0024	0,0065	0,0011	0,0069	0,0028	0,0036	0,0019	0,0002	0,0012
TFT	4,02	3,29	2,48	1,76	1,82	1,54	3,51	3,00	2,37	1,67	1,50	1,24

Fonte: 1991: HORTA e FONSECA (2000) e 2000: Dados básicos: IBGE, Censo Demográfico 2000

Nota : (1) em salários mínimos

A representação gráfica das TEF para o ano 2000, segundo as categorias estabelecidas, aponta, novamente, para diferenças quanto à estrutura e ao nível. As mulheres que vivem em famílias “mais pobres” (até 2 salários mínimos) apresentam níveis de fecundidade superior às demais, sendo que os principais diferenciais ocorrem principalmente nas três primeiras faixas etárias, com destaque para aquelas mulheres entre 20 e 24 anos (gráf. 7).

Quanto menor o nível de fecundidade das mulheres, maiores as idades onde se concentra o maior número de nascimentos. Para as três primeiras categorias de renda – com maiores TFT –, a cúspide da curva se encontrava na faixa etária de 20 a 24 anos (fecundidade precoce), enquanto que para as demais faixas ela se dá mais tardiamente, chegando, inclusive, a concentrar-se na faixa etária de 30 a 34 anos, no caso das mulheres que residiam em famílias “mais ricas”. Tal fato já podia ser observado pela análise das estimativas de 1991. Essas mulheres poderiam estar se reproduzindo mais tardiamente, postergando sua parturição como estratégia para se avançar profissionalmente e obter maior estabilidade financeira. Nos países do Norte e Europa já predomina esse “padrão moderno” de comportamento reprodutivo.



Chama a atenção o diferencial existente quanto à fecundidade das mulheres de 15 a 19 anos. Além de aumentar a TEF para todos os grupos de rendimento, aumentou também o diferencial entre aquelas mulheres “mais pobres” e “mais ricas”. As jovens “mais pobres” apresentam fecundidade 17 vezes maior que as “mais ricas”, sendo que respondiam, em 2000, por quase 19,0% da TEF deste grupo de mulheres, enquanto que o de jovens “mais ricas” responde por apenas 3,0%.

Pode-se observar que o nível e a estrutura da fecundidade das mulheres mineiras guardam estrito relacionamento com a renda familiar. Muito provavelmente, as mulheres “mais pobres” seriam também aquelas com menores possibilidades de acesso à educação e à informação, e, portanto, menores oportunidades econômicas e sociais.

Conclusão

Minas gerais chegou ao final do século XX com nível de fecundidade próximo ao de reposição. Em termos gerais, o estado caracterizava-se, até recentemente, como de baixo nível de fecundidade, padrão já evidenciado a partir de 1991. A predominância de municípios e de populações nesta categoria é inquestionável. Mais expressivo é o volume de mulheres vivendo, em 2000, em municípios com taxas de fecundidade iguais ou abaixo do nível de reposição. São populações nas quais o número de nascimentos não é suficiente para repor o estoque populacional.

Concomitantemente, tem-se que volume inexpressivo de mulheres estaria residindo em municípios de fecundidade alta. Comparativamente à média nacional, Minas Gerais estaria ocupando degrau mais elevado no processo de queda dos níveis de fecundidade. Diferentemente do constatado para o estado, no Brasil encontram-se ainda municípios com nível de fecundidade bem alta.

Os principais fatores que sustentaram o comportamento de queda da fecundidade abordados no estudo apontam que as mulheres residentes nas áreas urbanas, de cor branca, com maior escolaridade e que vivem em famílias “mais ricas” são aquelas com os menores números de filhos ao final do período reprodutivo. Assim, a questão basilar seria o *status* das mulheres, demandando oportunidades universais e igualitárias de acesso a níveis mais elevados de educação e de posição no trabalho, maior participação no mercado formal e obtenção dos meios anticoncepcionais modernos.

A suposição de convergência dos níveis de fecundidade foi mais uma vez sustentada. Os segmentos populacionais de mulheres considerados mostraram quedas mais significativas para aquelas em situação menos privilegiada e que, conseqüentemente, detinham níveis de fecundidade mais elevados, atenuando as diferenças existentes.

A despeito das quedas observadas, persistem importantes disparidades regionais. O norte, com as piores condições de vida, destaca-se pelos níveis mais elevados, ao passo que o sul e triângulo, regiões mais prósperas, pelos menores níveis.

Por último, constata-se que o fato de a iniciação sexual dar-se cada vez mais cedo tem resultado tanto no aumento crescente da contribuição das jovens de 15 a 19 anos no cômputo do total de filhos como na elevação das taxas de fecundidade dessas mulheres.

Bibliografia

BRASS, William *et al.* – 1968. *The Demography of Tropical Africa*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 539 p.

COALE, Ansley J.; As implicações sociais da fecundidade abaixo do nível de reposição, *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 4, n.1, p.39-60, jan./jul., 1987. Tradução do inglês por Ralph Hakkert.

HORTA, Cláudia J. G. e FONSECA, Maria do Carmo; *Evolução recente da fecundidade em Minas Gerais*, IX Seminário Sobre a Economia Mineira, Diamantina, 29 de agosto a 1º de setembro de 2000. *Anais do IX Seminário Sobre a Economia Mineira*, Belo Horizonte, UFMG/CEDEPLAR, volume 2, p.701-719, 2000.